



HABITAR PARA ALÉM DA HABITAÇÃO

ENSAIO SOBRE A MOBILIDADE DAS IMAGENS DO HABITAR: CONTINUIDADE, RUPTURAS E EXPERIMENTAÇÕES

Artur Rozestraten, FAU-USP, Brasil
artur.rozestraten@usp.br

PALAVRAS-CHAVE:

Habitar, fotografia, imaginário, tecnologia, representações, ocupações

RESUMO

Este texto intercala e inter-relaciona três representações complementares para construir um ensaio sobre a mobilidade das imagens e o imaginário do Habitar: depoimentos de pessoas que sobrevivem nas ruas ou habitam em ocupações no Rio de Janeiro e em São Paulo; imagens fotográficas; e reflexões teórico-conceituais. O trabalho se inicia com considerações sobre as origens da “questão da moradia” na Inglaterra de meados do século XIX e apresenta 3 imagens fotográficas referenciais que amparam a compreensão de uma alienação dos anseios do Habitar na medida de sua substituição pela habitação hoje dita de interesse social. Delineiam-se assim os limites inferiores das condições e capacidades de habitar as cidades industriais e, em contrapartida, a definição de parâmetros arquitetônicos de “existenzminimum”. Em seguida, os horizontes do Habitar são reorganizados a partir de uma abordagem especulativa que investiga aspectos etimológicos, sentidos literais e metafóricos com o intuito de reconhecer esforços realizados por certas fenomenologias do Habitar desenvolvidas ao longo da segunda metade do século XX, mas já renunciadas na “imaginação material” dos quatro elementos primordiais investigados por Gaston Bachelard desde meados dos anos 1930. Esta fundamentação permite então esboçar dois imaginários antagônicos manifestos nas grandes cidades brasileiras

contemporâneas que conduzem a um questionamento quanto aos conflitos entre a natureza antecipatória do projeto de arquitetura e a urgência das experiências de construir para habitar em edifícios ocupados no centro da cidade de São Paulo. Se hoje a participação de arquitetos nesse processo é mínima - e tal ausência é preocupante -, quais são as experiências atuais que indicam condições futuras nas quais o conhecimento e a capacidade de trabalho dos arquitetos possam contribuir com os processos de transformações de edificações abandonadas e ociosas em lugares do Habitar? Tal discussão conceitual e metodológica, conseqüentemente, ampara uma abordagem indicial de imaginários divergentes a respeito da Tecnologia e o reconhecimento de experiências históricas realizadas na segunda metade do século XX que exploram aspectos de uma filosofia da técnica como “ciência humana”, questionam o imaginário unilateral positivo e investigam os fundamentos das “técnicas do corpo” em torno dos “atos tradicionais eficazes”. Isto posto, cabe reconhecer que há também lacunas iconográficas significativas que evidenciam a necessidade de pesquisas, estudos e experimentações futuras, como a constituição de constelações de imagens, dedicadas ao imaginário “negativo” do Habitar e do Construir a partir da Revolução Industrial e das transformações históricas ao longo do século XX e mais recentemente no século XXI, de modo a enriquecer a compreensão do fenômeno do Habitar no mundo contemporâneo. Esse ensaio, como uma sondagem preliminar em um tema complexo e multifacetado, pretende trazer uma contribuição metodológica e iconográfica e se conclui com a apresentação de um conjunto de imagens fotográficas que contrapõem, à alienação do Habitar nas habitações “de interesse social”, olhares sensíveis aos gestos e ações poéticas que ao se apropriarem do Construir ressignificam aspectos essenciais da Arquitetura na adversidade da metrópole paulistana.

[...] os espaços de hostilidade são apenas evocados nas páginas que seguem. Esses espaços do ódio e do combate não podem ser estudados senão referindo-se a matérias ardentes, às imagens de apocalipse. [...] Mas as imagens quase não abrigam ideias tranquilas, nem ideias definitivas, sobretudo. A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que queremos explorar.

Gaston Bachelard, A Poética do Espaço, p.196.
Tradução de Antônio da C. Leal e Lídia do Valle Santos Leal

Sobrevivendo, no anseio de habitar: Tito

Tito já teve uma vida de glamour. Dançarino de um grupo de sucesso nos anos 70 e 80, ele já se apresentou em vários teatros do Rio de Janeiro. Mas a vida de Tito deu meia volta e hoje vive no Largo de São Francisco no centro da cidade. Acorda todos os dias às cinco e meia da manhã, caminha até o aeroporto Santos Dumont onde fica das seis da manhã às sete horas da noite lavando carros, junto com outros lavadores. “A gente fica aqui o dia todo. Porque tem carro que só paga a gente na volta. Cinco reais cada carro,” conta.¹

¹ - <https://www.msf.org.br/noticias/moradores-de-rua-muito-trabalho-pouca-cidadania>

Ocupando, construindo para habitar: Tatiane

Aos 11 anos, Tatiane perdeu a mãe, morta a facadas. O assassino: seu pai. A partir daí, morou com a tia, o irmão e até com o pai, antes de ocupar um quarto de 12 m² no prédio [...] “Eu sei que não vai ser por muito tempo, mas por mim eu ficava aqui pra sempre”, diz Tatiane, segurando o filho Daniel, de 9 meses, nos braços marcados pelas feridas produzidas por picadas de insetos que infestam o local. “Pra gente, aqui está ideal. Se fôssemos pagar aluguel, teríamos que tirar muitas coisas da boca do bebê”, afirma. Aos 19 anos, ela tenta ter uma casa pela primeira vez. Mora com o marido e o filho. Nunca havia ouvido falar em movimento de moradia até um dia antes de ir habitar o prédio em ruínas. “Eu e meu marido não tínhamos onde ficar, passamos aqui em frente, disseram que a gente poderia vir, no dia seguinte viemos com as malas.” O fogão e a televisão que decoram o quarto foram doados ao casal. Tatiane não entende da intrincada costura política por trás do debate de habitação, mas resolveu que vai para onde o movimento mandar, até porque não tem opção. “Meu irmão e meu pai nem sabem onde eu estou.”²

Minimizando ou o empobrecimento dos anseios de habitar Hanging over

Em 1845, Friedrich Engels publicou em Leipzig, originalmente em alemão, “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, a partir do que havia percebido em Manchester e outras cidades britânicas quanto às precárias e insalubres condições de vida dos trabalhadores ingleses. Esta denúncia pioneira relativa às transformações radicais por que passavam os ambientes urbanos em consequência da Revolução industrial, da crescente participação do maquinário mecânico na produção e do adensamento populacional encontraria eco em outras vozes ao longo da segunda metade do século XIX que afirmariam, com Proudhon, que “a primeira coisa importante a cuidar é a habitação” (1865, p.351).

As habitações deveriam garantir condições mínimas de salubridade que possibilitassem a reprodução da força de trabalho de adultos e crianças ainda que sob turnos exaustivos de 16 horas de atividade intensa. O que produziu um entendimento tecnológico de que tais recursos humanos deveriam ser mantidos em condições suficientes para a continuidade dos processos produtivos, tais quais os recursos naturais e recursos técnicos. As habitações como alojamentos (Considérant apud Choay, 1992, p.9) alinharam-se, desde o início, por analogia, muito mais aos espaços de trabalho como depósitos, silos, celeiros, estoques, paióis, tanques e almoxarifados do que à longa tradição de casas ou projetos residenciais com os quais os arquitetos estavam habituados a lidar: palácios, palacetes e residências para os afortunados.

No Brasil, mesmo depois da independência (1822), é notória a associação das senzalas e “casas de colonos” ao rol dos espaços de trabalho, sendo a habitação, propriamente, condição

² - <https://raquelrolnik.wordpress.com/2013/04/12/reportagem-mostra-rotina-de-moradores-de-ocupacoes-do-centro-de-sao-paulo/>

exclusiva dos proprietários nas casas-sede das grandes propriedades rurais. As fazendas produtoras de café no estado de São Paulo são um exemplo desta concepção arquitetônica para a exploração da mão-de-obra. Muito embora escravos e trabalhadores imigrantes vissem em tais propriedades, suas existências, objetivamente, deveriam se concentrar em trabalhar e gerar lucros. Sendo assim, eventuais experiências de habitar em tais propriedades, quando se davam, era nitidamente evasivas, transgressoras, uma ruptura na ordem, uma deformação, uma contravenção.

Na Europa, houve também uma aplicação dessa mesma racionalidade fabril à sobrevivência da “reserva” de recursos humanos em condições provisórias, inferiores a habitações. A Inglaterra vitoriana, aliás, foi prolífica em produzir soluções caridosas para a preservação de seu “exército de reserva”.

Vinte anos após a publicação de Engels, igrejas protestantes londrinas criaram o “Exército da Salvação” e um de seus primeiros esforços de ação social foi a criação dos “four penny coffin”. A imagem abaixo (Figura 1) apresenta os “caixões-cama a 4 pennies” oferecidos aos “homeless” de então para uma noite de sono reparador no centro da capital britânica.



Figura 1: Four penny coffin. Men in coffin beds in a Salvation Army Shelter (1900) (© The Salvation Army Heritage Centre).
Fonte: <https://hyperallergic.com/200035/coffin-beds-and-penny-sleeps-an-exhibition-on-victorian-homelessness/>

Mas havia também opções mais baratas conhecidas como “twopenny hangover” (Figura 2) na qual era possível tentar dormir pendurado em uma corda.



Figura 2: Two penny hangover. BBC/The Victorian Slum. Fonte: <https://www.irishexaminer.com/breakingnews/entertainment/7-things-we-learnt-from-bbcs-the-victorian-slum-758717.html>.

Por fim, a alternativa mais barata de “penny-sleeps” ou “penny sit-up” (Figura 3) que ofereciam por 1 penny um abrigo noturno do relento em um galpão sempre iluminado por uma lamparina, como a nave de uma igreja com fileiras estreitas de bancos de madeira. Deitar nos bancos era proibido e dormir assentado também.



Figura 3: The penny sit-up. A Penny Situp in a Salvation Army shelter in Blackfriars, London (1900). Coleção do the Geffrye Museum. Fonte: <https://www.irishexaminer.com/breakingnews/entertainment/7-things-we-learnt-from-bbcs-the-victorian-slum-758717.html>

Antes mesmo que os primeiros conjuntos habitacionais modernos fossem fotografados, as câmeras fotográficas já haviam registrado as alienações do Habitar.

Todas estas imagens fotográficas são brutais. Aspectos sombrios da exploração e da degradação da vida humana na maior e mais rica cidade industrial do século XIX ficam expostos à luz, com toda a crueza do registro fotográfico pretensamente objetivo. São imagens que desumanizam quem foi fotografado, assim como quem vê a fotografia. Para não dizer que devem ter desumanizado também o fotógrafo. Todos cúmplices de uma piedosa desumanidade. São imagens da ausência de afeto, impressões do desamparo, do abandono, do medo, da solidão. São imagens de tortura e humilhação, tornando visíveis, para aqueles capazes de empatia, o sofrimento, a angústia, humilhação e o desespero de pessoas - crianças, inclusive - que não possuíam recursos para se protegerem da exploração completa imposta por seus semelhantes.

Tais imagens evocam um imaginário catamórfico - diria Gilbert Durand (2001, p.111) - de queda, submissão e morte: caixões, gavetas de necrotério, cordas, "hanging men", suicidas, enforcados, torturados, condenados, penitentes, alucinados, servos, fiéis, devotos.

No nível mais baixo desta condição urbana desumanizada, as noites de outono e inverno eram uma vigília de miseráveis, reunidos em um ambiente com uma luz baixa, fétido, úmido e insalubre privados do direito de se deitarem, alienados da realização de sua necessidade indispensável de fechar os olhos e tentar dormir para talvez sonhar.

É certo que onde existir um ser humano resistirá a capacidade de habitar. É justamente a sobrevivência do desejo e da potência de habitar na ausência absoluta de condições para tanto que evidencia o quão profundo é o enraizamento existencial de tal ação transformadora em nossa natureza. Somos capazes de instaurar um "ser" no mais abjeto e inóspito "não-ser", desejando, imaginando e agindo poeticamente para tentarmos preservar o Habitar justamente no inabitável, construindo aí uma abertura para nos afastarmos, nos evadirmos, nos ausentarmos e construir, assim, possibilidades no improvável. Este é um movimento vital como último recurso da imaginação, do devaneio e do sonho. Trata-se de uma questão decisiva, de vida ou morte, seja na rua, em uma prisão, em um campo de concentração, na travessia do Mediterrâneo, em um campo de refugiados ou em uma cidade em escombros e sob bombardeios. As evidências da sobrevivência ou da resistência do Habitar em condições subumanas são expressivas do vínculo existencial de interdependência entre os esforços físicos e psíquicos para construir condições mínimas para ser e estar, em um determinado tempo e lugar absolutamente hostis, inóspitos e adversos. No limite, a imaginação pretende resistir ao inimaginável: à morte. É pertinente situar aí, contrapondo-se à morte, uma erótica vital do Habitar.

Nesse outro extremo, a condição plena do Habitar demanda não apenas uma experiência construtiva da imaginação metafórica, mas sim ações construtivas, de fato, intervenções técnicas concretas que atuem na transformação de matérias no mundo. Heidegger (1954) defendeu a ideia de que "Construir já é em si mesmo habitar". Para reiterar essa mesma natureza, Besse (2013, p.13) entende que "Habitar é um trabalho das mãos". De fato, as poéticas do Habitar são construídas no âmbito das técnicas ou, mais precisamente, da tectônica como conjunto cultu-

ral de ações técnico-construtivas com intenção estética. É a partir dessa experiência material que os devaneios do Habitar se desdobram em metáforas da "imaginação material" como já havia proposto Gaston Bachelard (2001, p.7) nos anos 1940. Logo, assim como o próprio Imaginário, é no convívio social, na interação com alteridades, no compartilhamento interpessoal que a experiência relacional, individual, subjetiva e íntima do Habitar se reconhece em sua dimensão coletiva comum, vernácula, ética e antropológica.

Existenzminimum

Como se viu, o tema da habitação dos trabalhadores emergiu na segunda metade do século XIX a partir de uma indignação política e humanitária que expôs os limites inferiores de condições desumanas e exigiu providências em defesa da dignidade humana e da consolidação de direitos sociais republicanos³. Tal demanda foi enfrentada nas grandes cidades da Europa ocidental sob um viés capitalista, positivista e funcionalista como uma questão urbana que demandava atenção e investimentos, públicos e privados, em razão de suas consequências diretas na produção industrial e no lucro dos investidores, no mercado imobiliário - na medida em que interferia na valorização ou desvalorização de determinados terrenos e trechos da cidade - e também na saúde pública.

Desde então "a questão da moradia", como propôs Engels (1969) em 1887, ganhou amplitude e hoje se constitui em um tema específico da Arquitetura e do Urbanismo com uma complexidade e abrangência que ultrapassam em muito o escopo deste artigo.

Ao longo do século XIX, as habitações hoje ditas "de interesse social" gradualmente caracterizaram-se como contrapartidas mínimas e indispensáveis à sobrevivência daqueles que deveriam ter condições de trabalhar intensamente por toda a vida para produzirem e sustentarem as margens de lucro dos investidores, além de serem também, por outro lado, consumidores de produtos industrializados. Sem demora, a habitação também se converteria no principal produto a ser alugado ou adquirido pelos trabalhadores nas cidades industriais.

Como formulou Barthes (1979, p.6), a Arquitetura - e não há razões para excluir o urbanismo e o design - conjuga a ambiguidade de ser, simultaneamente, expressão de utopia e instrumento de conveniência, ou em outras palavras, redução, adequação pragmática e apaziguamento de anseios.

No mundo moderno e industrial, habitações e cidades passaram a ser regidas pelo imaginário da fábrica e da máquina, do movimento contínuo de esteiras e engrenagens, do trabalho ininterrupto, do gestual fabril que concretiza ações objetivas exclusivamente produtivas, e

3 - Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_6_.asp

todas as suas decorrências e desdobramentos simbólicos que irão referenciar um projeto total - abrangendo um todo, da escala do objeto à escala regional - no qual a eufemização do “existir para trabalhar” irá estimular a popularização de atividades supostamente não-produtivas como o lazer, por exemplo⁴.

No pós-primeira guerra mundial, a demanda habitacional oriunda dos câmbios produtivos intensificados na virada do século XIX/XX e do retorno de combatentes às cidades veio a tornar-se uma das frentes mais intensas de reflexões, debates e projetos da Arquitetura e do Urbanismo modernos, sintetizados, no âmbito da habitação, no conceito de Existenzminimum:

Muito mais do que uma simples relação de metragem quadrada por pessoa, acrescentou-se o critério do mínimo social no debate sobre a Existenzminimum (habitação para o mínimo nível de vida) durante o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna de 1929, ocorrido em Frankfurt-am-Main, onde novos projetos de Siedlung estavam sendo desenvolvidos. A concepção de uma habitação mínima envolveria resoluções de amplas necessidades biológicas e psicológicas no sistema estático da construção em si. (Folz, 2005)

A existência humana em condições mínimas não foi, contudo, compreendida apenas como uma conquista humanitária significativa que impôs limites à exploração desenfreada do trabalho no mundo contemporâneo, pois significou também, por outro lado, a redução e o empobrecimento de horizontes e anseios de uma existência humana “livre do trabalho” a partir do potencial radical de transformação da natureza e da sociedade presentificados no contexto técnico-científico que se globalizou ao longo do século XX.

O mito de uma técnica libertadora dos suplícios cotidianos do trabalho havia se frustrado justamente quando as máquinas adquiriram uma potência inédita - primeiro mecânica e depois digital - e o anseio poético de um reencontro edênico com o prazer, com o tempo livre e o espaço livre viria a ser eufemizado ou mesmo alienado da experiência de vida da maioria das pessoas.

Em 1951, Martin Heidegger refletiu em torno dos desencaixes entre o Habitar e as habitações em uma conferência em Darmstadt e formulou uma interrogação que atualizava para a segunda metade do século XX a “questão da moradia”:

Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar, economicamente acessíveis, bem arejadas, iluminadas e ensolaradas. Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar?

4 - Vale registrar que o imaginário dos robôs se desenvolve justamente a partir dos anos 1920, no pós-primeira guerra mundial sugerindo desenvolvimentos simbólicos de mão-dupla: a desumanização do homem transformado em máquina à sua imagem e semelhança; e a humanização da máquina capaz de sentir, pensar e agir de forma autônoma.

Não, de fato, a Arquitetura por si não oferece garantias de que o Habitar venha a acontecer em tais habitações. A natureza relacional do Habitar manterá continuamente em aberto eventuais possibilidades e impossibilidades. A Arquitetura é apenas parte de tais potências latentes.

O Rio de Janeiro continua lindo: Seu Irã

Não muito longe do Largo de São Francisco, no Largo da Carioca, um dos pontos mais movimentados do centro do Rio de Janeiro, vive Seu Irã, um senhor de 64 anos, barba branca, um enfisema pulmonar e muita disposição para o trabalho. Acorda sempre às três e meia da manhã e passa o dia prestando serviço para os camelôs da região. “Eu deposito dinheiro, compro pino de relógio, sou a pessoa que eles têm de confiança aqui na rua,” explica. “Hoje já fui 5 vezes ao banco. É assim que consigo um real aqui outro ali.” O dinheiro, no entanto, não dá para alugar um quarto, ou pagar uma pensão. À noite, Seu Irã monta um quartinho para ele mesmo, bem ali no coração do centro do Rio. “Coloco os caixotes que tenho guardado, um do ladinho do outro, cubro o chão com papelão e deito ali entre os caixotes e o banco. Quando chove prendo uma lona na marquise pra não me molhar e me cubro com lençol quando está frio. Não posso usar cobertor de lã, porque eu tenho bronquite,” diz.⁵

São Paulo não pode parar: Creuza e sua família

Creuza estava acompanhada da família toda: a filha mais velha, que carregava um bebê de colo, a neta adolescente e um menino de seis anos. “Tomamos banho no ‘chá do padre’”, referindo-se ao apelido do centro de acolhida do Serviço Franciscano de Solidariedade (Sefras), que oferece diariamente à população de rua almoço, chá da tarde e banho de chuveiro na sede da rua Riachuelo, no Centro. Creuza, que prefere não divulgar o sobrenome, conta que se viu obrigada a entregar a casa em que a família morava depois que perdeu o trabalho em um colégio e, sem renda, não conseguiu pagar o aluguel. “Não tenho como pagar. Já pedi Bolsa Família, pedi Bolsa Aluguel, não conseguimos nada”, lamenta.⁶

Especulando sobre os horizontes do Habitar Haver

O verbo habitar se relaciona, em uma primeira instância, a toda uma gama de termos como: hábito, habitual, habitat, habitante e habitação.

Em uma segunda instância, menos óbvia, relaciona-se também a outros termos indiretos como hábil e habilidade, permitindo entrever aí relações com ações técnicas.

5 - <https://www.msf.org.br/noticias/moradores-de-rua-muito-trabalho-pouca-cidadania>

6 - <https://www.valor.com.br/brasil/4831060/crise-leva-mais-familias-morar-na-rua>

Mais distantes, mas também radicalmente relacionados, estão termos que se originam da associação de um prefixo ao verbo como inibir (inhibēre), exhibir (exhibēre), proibir (prohibēre).

A etimologia de habitar reconhece, portanto, suas raízes no verbo latino habēre que gera o verbo haver em português, to have em inglês e avoir em francês.

Dentre as acepções originadas deste verbo latino matricial cabe mencionar aqui os sentidos de: possuir, ser senhor de, conter, trazer consigo, portar, ocasionar, fazer, tomar, guardar, cuidar, ter, manter, saber, conhecer, reconhecer, ocupar, ficar, permanecer, remanescer, ser, residir, morar.

Um devaneio sobre o verbo habitar faz aflorar sentidos literais e poéticos que gravitam em torno:

- da perpetuação e/ou da continuidade do ser na duração do tempo (conhecer, reconhecer, ocupar, ficar, permanecer, remanescer, residir, morar) como condição vital essencial;
- do haver como ter (possuir, ser senhor de, trazer consigo, portar, tomar, manter, saber, no sentido de “se haver”) estabelecendo assim uma interação relacional entre o ser e o mundo “para si”;
- da concepção pelo fazer como construir (ocasionar, conter, guardar, cuidar) instaurando assim, por meio de ações, construções, imagens e objetos no mundo;

Em síntese o campo simbólico do Habitar transita por uma tríade que envolve: Duração, Relação e Ação.

Todos esses sentidos se integram no cotidiano e podem se sobrepor promovendo interações em níveis variados entre ações ou estados, literais ou figurados, sensíveis ou inteligíveis que convergem para a compreensão multifacetada e propriamente existencial de habitar como: uma relação, caracterizada como interação poética, considerando que é ação corpórea, multi-sensorial, volitiva, afetiva (afeta e se deixa afetar), deformadora ou transformadora que concebe, que constrói, logo, que é estética e construtiva ou, em outras palavras: tectônica. A partir de tal condição relacional é possível afirmar, com Heidegger: “Parece que só é possível habitar o que se constrói.” (1954) ou, em outras palavras, só habitamos quando construímos, concreta e metaforicamente. No dizer do poeta Adoniran Barbosa (1951):

Se o senhor não está lembrado
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse edifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado

Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mais, um dia
Nós nem pode se alestrar
Veio os homi cas ferramenta
Que o dono mandô derrubá

Peguemo todas nossas coisa
E fumos pro meio da rua
Aprecia a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada táuba que caía
Doía no coração

Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei:
Os homi tá cá razão
Nós arranja outro lugar

Só se conformemo quando o Joca falou:
“Deus dá o frio conforme o cobertor”
E hoje nós pega as páia nas grama do jardim

E prá esquecê nós cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida,
Que dim donde nós passemos dias feliz de nossas vida

- uma relação que se enraíza e pretende interferir em uma condição espacial particularizada e qualificada, isto é, em um lugar específico, axis mundi, a partir de onde o mundo e os deslocamentos se integram em um cosmos ou universo significativo;
- uma proposição projetual capaz de dilatar o tempo em duração, capaz morar ou demorar⁷, facultando assim a permanência, condição mínima, indispensável à experiência de “longa duração” do devaneio e do imaginário do Habitar. Como sugeriu João Cabral de Melo Neto em “Habitar o tempo” (2008):

Para não matar seu tempo, imaginou:
vivê-lo enquanto ele ocorre, ao vivo;
no instante finíssimo em que ocorre,
em ponta de agulha e porém acessível;
viver seu tempo: para o que ir viver
num deserto literal ou de alpendres;
em ermos, que não distraiam de viver
a agulha de um só instante, plenamente.
Plenamente: vivendo-o de dentro dele;
habitá-lo, na agulha de cada instante,

7 - Em um discurso como paraninfo dos formandos em Arquitetura e Urbanismo na FAUUSP em 1964, o engenheiro, poeta e professor, Joaquim Cardozo, fez reflexões sobre a relação etimológica entre morar e mora, “medida de uma demora, de um espaço de tempo” (1997).

em cada agulha instante: e habitar nele tudo o que habitar cede ao habitante.

E de volta de ir habitar seu tempo: ele corre vazio, o tal tempo ao vivo; e como além de vazio, transparente, o instante a habitar passa invisível. Portanto: para não matá-lo, matá-lo; matar o tempo, enchendo-o de coisas; em vez do deserto, ir viver nas ruas onde o encham e o matam as pessoas; pois como o tempo ocorre transparente e só ganha corpo e cor com seu miolo (o que não passou do que lhe passou), para habitá-lo: só no passado, morto.

- uma ação reflexiva que cultiva em si uma condição metá interessada em construir - literal e metaforicamente -, o que amplia o pragmatismo do construir a um amplo campo simbólico de representações que (re)apresentam crítica e poeticamente apreensões sobre a ação construtiva em toda a sua amplitude semântica, envolvendo também, portanto, a formatividade (Pareyson, 1993) em uma perspectiva tanto crítica quanto poética;
- uma condição relacional social que é tanto subjetiva quanto intersubjetiva pois envolve perspectivas políticas e éticas entre indivíduos distintos, entre alteridades entre “uns” e “outros” que, na condição urbana, podem estar mais ou menos inseridos ou mais ou menos excluídos da possibilidade de habitar, o que acrescenta uma permanente condição conflituosa em torno do Habitar;

Poderia o Habitar ser compreendido a partir de um afastamento e - no limite, de uma negação - da condição psicológica primeira de tornar-se consciente de habitar o próprio corpo?

Não seria toda experiência do Habitar metáfora ou desdobramento simbólico dessa experiência íntima, intuída na dupla relação consigo mesmo e com o mundo como alteridade?

A partir dessa matriz, toda experiência de habitar parece conjugar uma dimensão “dentro de si” e outra “fora de si”.

Assim estruturado o Habitar estende raízes vastas sobre o mundo de onde brota, por exemplo, a imaginação de habitar pequenos lugares supostamente inabitáveis, como conchas, cantos, caixas e gavetas. Manifestam-se aí os desejos e as possibilidades poéticas do penetrar, do adentrar, do aninhar-se e do permanecer em atividade onírica em um cosmos miniaturizado de intimidade protegida, como bem propôs Gaston Bachelard (1961).

Tal dimensão antropológica – comum ao homem em tempos e lugares distintos – embasa o amplo imaginário do Habitar e, conseqüentemente, funda todas as ações técnico-poéticas de

transformação da matéria ou natureza que podem vir a constituir, de fato, habitações e cidades em circunstâncias geográficas e históricas específicas.

O Habitar é um anseio existencial, enquanto a habitação – entendida em seu sentido propriamente arquitetônico – é, sempre, simultaneamente, presença e ausência, tanto uma potência consumada em uma forma sensível particular quanto uma lacuna, uma alienação frustrante de infinitas outras possibilidades ausentes. Em tais ausências reside o risco da “deslocalização”, a contínua transitoriedade desenraizadora, a alienação do descanso e da experiência do devaneio:

Fry usa o termo “unsettlement” para significar o estado que se opõe ao “estar assentado” ou ao “assentamento” que tem caracterizado boa parte da história humana, especialmente com a sedentarização. “Unsettlement” enfatiza a ideia de movimento generalizado, perturbação, deslocamento. Optei por traduzi-lo como “deslocalização”⁸. (Fry, 2015 apud Escobar, 2016. Tradução do autor)

É necessário que um movimento interrompa outro, isto é, que o movimento de construir rompa o movimento de deslocar-se sem tréguas e conquiste assim o fundamento da permanência. Germinam aí novas eróticas e poéticas urbanas:

A natureza metabólica destrutiva das cidades também implica que os atuais imaginários dos seres humanos sobre a vida (urbana) também terão que mudar para abrir espaço a outras imaginações e formas de habitar e viver, distintas da cidade modernista. A imaginação de projeto e desenho urbano de Fry dá pistas importantes para “buscar modos futuros para habitar” (2015: 87). Re-imaginar a cidade dessa maneira terá que ser parte de qualquer visão para a transição e referencial de projeto. (Escobar, 2016, p.58. Tradução do autor)

Enfrentando a transitoriedade: Edilton

Há um mês, o carioca Edilton Teteo da Silva, 30 anos, realizou o primeiro de três sonhos: ter um emprego. Trabalha como técnico em eletrônica em uma loja na avenida Rio Branco, onde fica das 7h às 20h e ganha um salário mínimo. Lá ele diz que mora em Jacarepaguá. Na verdade, dorme na rua – o endereço atual é a marquise do prédio onde fica a sede da Confederação Nacional do Comércio (CNC), no centro. “É para evitar o preconceito. Se falar que durmo na rua, vão me olhar diferente”, explica. Edilton, segundo grau quase completo, era casado, tinha casa em Duque de Caxias e uma moto. Trabalhava em um lava-jato. Perdeu mulher, casa, emprego e moto – nessa ordem. “Foi tudo de repente. Numa hora, eu tinha tudo. Na outra, nada.” Seu segundo sonho é ter onde morar, algo ainda distante. O que lhe restou na vida cabe dentro de uma mochila: gel de cabelo, loção, pasta e escova de dentes, três camisas, uma calça, um par de sapatos, um par de meias e – com muito orgulho – a carteira de trabalho assinada e o jaleco azul que usa para trabalhar.⁹

⁸ - Que pode ser compreendido como sem-locus, sem lugar, deslocado, “deslugarizado”.

⁹ - https://istoe.com.br/22244_NO+MUNDO+DA+RUA/

Excluída do aluguel: Edna

Era o meu sonho que realizei. Mas perdi o emprego, atrasei o aluguel e o Conselho Tutelar levou meus netos de 7 e 6 anos para um abrigo no Glicério”, diz Edna, que tem dormido em um dos muitos prédios ocupados no Centro, junto com o marido e a filha. “É mais seguro”. A preferência de Edna não é incomum entre os moradores de rua, diz Kaká, do Anjos da Noite. “Muitos preferem ficar na rua, porque em muitos albergues o morador de rua não pode entrar com as coisas dele, deixam na rua e o caminhão de lixo leva. Perdem o pouco que tem”, diz o fundador da ONG, para quem é fácil entender a vulnerabilidade das famílias. “Qualquer casa vagabunda em São Paulo custa R\$ 600. Se a pessoa ganha um salário mínimo, vai pagar como?”, diz.¹⁰

Deformando as imagens do Habitar Imaginários do Habitar

A contraposição de expectativas, conquistas e frustrações conduz ao reconhecimento de dois imaginários antagônicos e complementares (Durand, 2001) relativos ao habitar que são reconhecíveis em suas manifestações específicas nas grandes cidades brasileiras contemporâneas:

- sendo um “diurno”, sociópeta¹¹ ou positivo, de ponderações razoáveis, progressos, conquistas e ganhos advindos da aceitação da ordem/cosmos que se apresenta em termos (formas simbólicas) descritivos como: a casa/house/maison, o abrigo, o apartamento, o condomínio, o domicílio, a residência, a habitação, a moradia, o alojamento. A ênfase se dá sobre o universal, sobre o tipo e sobre o que deveria ser comum a todos. Manifestam-se aqui, predominantemente o esquema simbólico postural e a verticalização ascendente, as clivagens heróicas ou diátricas, mas também a simbologia digestiva e cíclica na medida em que são restauradoras da vigília e da força de trabalho;
- outro “noturno”, sociófuga¹² ou negativo enraizado em desejos e anseios que ultrapassam as condições mínimas de uma existência e interpõem interações subjetivas, emotivas, ambições, frustrações, acanhamento, perdas e desejos de insubmissão e subversão da ordem/cosmos que se faz presente em outra nomenclatura “deformadora” como as denominações:
 - afetivas (lar/home/foyer/chez soi);
 - diminutivas e suas derivações (cantinho, casinha, casebre, barraquinho, lugarzinho, ninho);
 - descendentes ou “deslizantes” (buraco, biboca, pouso, mocó, cafofo);

¹⁰ - https://istoe.com.br/22244_NO+MUNDO+DA+RUA/

¹¹ - Termo utilizado por Gilbert Durand (2001, p.42) para caracterizar as motivações centrípetas ao simbolismo predominante em uma determinada sociedade.

¹² - Termo utilizado por Gilbert Durand (2001, p.42) para caracterizar as motivações centrípetas ao simbolismo predominante em uma determinada sociedade.

- sarcásticas, depreciativas ou críticas (caixa, forno, ovo, baiuca, tapera, rancho, pardieiro);
- exageradas ou hipérboles (maloca, taba, barracão, mansão, palácio);
- de pars pro toto (teto, rede, cama, coberta, colchão).

A ênfase aqui se dá sobre o idiossincrático, sobre as particularidades, sobre o que é específico, distinto, singular. Manifestam-se aqui, predominantemente as estruturas sintéticas, que integram enfrentamento e ruptura às simbologias de descida digestiva e as erótico-cíclicas;

Entre tais extremos, posiciona-se toda uma infinidade de variações simbólicas híbridas, mescladas, mais ou menos próximas de cada uma destas posições radicais e em movimento cambiante contínuo, pois as imagens não são estáveis.

A partir desse delineamento preliminar, vale propor um questionamento:

Em que momento as experiências “diurnas” da arquitetura moderna no Brasil começaram a reconhecer a necessidade de desenvolver alternativas menos polarizadas para o imaginário da habitação de interesse social, incorporando aspectos “noturnos” aos projetos realizados por arquitetos?

Essa primeira questão pode levar a outras mais incisivas:

Poderia o projeto de arquitetura – desenvolvido por arquitetos, de fora para dentro, isto é, alicerçado quando muito em um procedimento metodológico fenomenológico ou etnográfico de quem se aproxima para converter problemas de outrem em projeto¹³ – lidar com as questões e formulações construtivas e espaciais advindas de uma experiência “noturna” do Habitar para as escalas e as demandas dos indivíduos singulares que se agrupam sob o termo abstrato: “interesse social”?

Como a distinção proposta por Lévi-Strauss em seu Pensamento Selvagem (1962) entre bricolagem e projeto pode ser revisada, questionada, mesclada e reorganizada frente às experiências concretas de construir e habitar em edifícios ocupados no centro da cidade de São Paulo?

No âmbito tecnológico, como campo reflexivo-crítico sobre os *modi operandi*, que procedimentos projetuais experimentais, exploratórios, se delineiam na lida com ocupações na cidade de São Paulo hoje? Os arquitetos estão presentes ou estão ausentes em tais iniciativas? Com quais interações, experimentações e considerações metodológicas?

Como as ações construtivas realizadas em estruturas ociosas e abandonadas no centro de São Paulo têm ressignificado o Habitar e o pensar o âmbito das técnicas, ou seja, as tecnologias aí implicadas?

¹³ - E não o contrário, ainda que estejamos frente a variações do mesmo termo: probállo.

Lutando contra a deslocalização: Ricardo

O carioca Ricardo de Oliveira Reis, 26 anos, dorme no centro do Rio de Janeiro, ora acomodado em um canto de calçada entre a sarjeta e a porta lacrada de uma loja no Largo do São Francisco, ora sob marquises, ora em um depósito de carga na Central do Brasil, dorme abraçado a uma muda de roupa e a uma garrafa de cachaça, companheira contra o frio da noite. O que ganha durante o dia não é suficiente para sustentar os filhos, comer e ainda pagar as passagens de ônibus da ida e volta todo dia, então guarda sua carrocinha e dorme na rua de segunda a sexta. Tem uma casa, um barraco em Ponto Chic, bairro pobre, sem saneamento e sem calçamento, em Nova Iguaçu, mora com as seis irmãs – Rita, Valéria, Vilma, Fabiana, Micheli e Tatiana. “Vou pra lá no sábado, quando durmo numa cama quentinha. Tenho duas casas”, explica.¹⁴

Trabalhadores na rua: Maria Juraci

Estima-se que, de cada quatro moradores que passam a noite nas ruas e praças do Rio, um tem casa ou lugar onde dormir. Moram na periferia, em lugares como Santa Cruz e Paciência, ou em conjuntos habitacionais, como o Nova Sepetiba, na zona oeste, criado pelo governo do Estado para atender justamente o trabalhador que mora longe. Não adiantou. Como fica a quase duas horas do centro, moradores do Nova Sepetiba voltam a morar nas ruas. “São trabalhadores sem o direito de ir-e-vir por falta de dinheiro”, define Maria Juraci, diretora da Fundação Leão XIII, ligada ao Estado do Rio, que administra abrigos e albergues no Rio, insuficientes para atender a essa nova demanda.¹⁵

Desformando as imagens da Tecnologia Vertentes

Considerando o campo imaginário apresentado, conseqüentemente, duas alternativas políticas antagônicas apresentam-se, grosso modo, à tecnologia na Europa ocidental, nos EUA, na América Latina e no Brasil:

- sob o signo de Póros, da abundância e dos recursos: a formulação, consolidação e difusão em todos os níveis da educação formal escolar de uma filosofia da técnica ou “ciência das forças produtivas” (Haudricourt, 1987) que reitera o imaginário oficial de progressos, avanços, ascensões, ganhos e conquistas fomentando uma cultura técnico-científica de investigações, projetos e obras socialmente responsáveis que contribuiriam para a construção de uma sociedade “justa” na qual a Arquitetura, o Urbanismo e o Design, seguiriam se empenhando em perpetuar a exploração do trabalho sob certas condições legais;

- sob o signo de Pênia, da penúria, da carência e da precariedade: a formulação, tentativa de consolidação e difusão - com pouca penetração na educação formal - de uma filosofia da técnica como “ciência humana” (Haudricourt, 1987) que questiona o imaginário positivo ao expor os fundamentos das “técnicas do corpo” em torno dos “atos tradicionais eficazes” (Mauss, 1950) e reconhecer, nas fantasias e surrealidades da imaginação material (Bachelard, 2001), potenciais poéticos para uma resignificação e reorientação de investigações, projetos e obras que contribuíssem, do ponto de vista da Arquitetura, do Urbanismo e do Design, para a construção de uma sociedade mais complexa, contraditória e heterogênea capaz de cultivar as dimensões psicológicas e antropológicas de habitar no mundo contemporâneo e em cenários urbanos futuros;

A Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo, tradicionalmente, reconhece e estuda a condição tectônica do Habitar em seu sentido denotativo, mas muito raramente explora seus desdobramentos conotativos e o vasto horizonte das metáforas do Habitar, o que reitera o sentido negativo e redutor exposto e reduz sensivelmente a compreensão dos deslocamentos de sentido e extensões semânticas do Habitar primeiro a outros contextos derivados. Tampouco é explorada a inversão absoluta de posições quando a positividade da técnica (Póros) se esgota e reencontra sua condição negativa (Pênia) e vice-versa.

Cabe, portanto, lembrar aqui algumas experiências históricas significativas nesse contexto:

- A proposta de Asger Jorn por uma Bauhaus Imaginista (1953-1957) que abandonasse:
 - toda tentativa de ação pedagógica para nos orientarmos em direção à atividade experimental (e não se trata apenas de uma experimentação “artesanal”, mas fundamentalmente tecnológica logo, também industrial). A opressão contra o ato ocasional e o pensamento incoerente, imposto como virtude pela indústria, assim como pela ciência, é a causa mesma da inércia que engloba de mais a mais a cultura. (Jorn, 2001. Tradução do autor);
- O projeto da Nova Babilônia levado a cabo por Constant Nieuwenhuys, com especial dedicação entre 1956 e 1974, por meio de uma série de escritos, desenhos, maquetes, colagens, imagens e objetos que constituíam uma proposta urbanística em escala global com a intenção de oferecer ao Homo Ludens:
 - as condições mínimas para um comportamento que permaneça o mais livre possível. Qualquer restrição da liberdade de movimento, qualquer limitação em relação à criação de humor e atmosfera, será evitada. Tudo tem que permanecer possível, tudo poderá acontecer, o ambiente tem que ser criado pela atividade da vida, e não o contrário. (Constant, 1999. Tradução do autor);
- A proeminência do Habitar sobre a habitação e o habitat na proposição crítica de um Urbanismo Unitário delineado pela Internacional Situacionista a partir de 1957.

14 - https://istoe.com.br/22244_NO+MUNDO+DA+RUA/

15 - https://istoe.com.br/22244_NO+MUNDO+DA+RUA/

Tal protagonismo é expresso por Raoul Vaneigem em seus “Comentários contra o urbanismo” como:

Habitar é o “Beba Coca-Cola” do Urbanismo. A necessidade de beber é substituída pela de beber Coca-Cola. Habitar, é estar em casa em todo lugar, Viver é estar em toda parte em casa, diz Kiesler¹⁶ (...) Nós somos habitados, este deve ser o ponto de partida (...) Por trás da pretensão tecnológica está uma verdade revelada, como tal, indiscutível: devemos “habitar”. Sobre a natureza dessa verdade, o mendigo sabe exatamente o que esperar. Sem dúvida, melhor do que ninguém, distingue, entre as latas de lixo onde ele é obrigado a viver uma proibição de viver, e que construir a própria vida e construir a própria morada não se distinguem no único plano de verdade, que é a prática. (1961. Tradução do autor);

- A proposição do Monumento Contínuo pelo grupo italiano Superstudio, expresso por Cristiano Toraldo di Francia¹⁷, um dos membros fundadores, como:

um amplo argumento sobre as possibilidades da arquitetura como meio de crítica. Começando a usar a demonstração por absurdo sistematicamente, produzimos um modelo de urbanização total chamado Monumento Contínuo (MC) (1969-1970). Este projeto, através das imagens de uma utopia negativa (crítica), levou ao extremo a concepção clássica da relação entre natureza e arquitetura, cidade e país. A figura retórica da demonstração do absurdo revelou, através das fotomontagens, a imagem pública de uma nova relação, não mais de oposição, mas de hibridização e aliança. [...] O MC não é a simulação de uma situação futura, mas funciona como um paradoxo mental, um projeto crítico não edificável e, portanto, “negativo”. Por outro lado, durante esses mesmos anos, percebemos que a sociedade não podia mais ser identificada com o modelo racional-mecânico da fábrica de produção total, do capitalismo primitivo, mas que estávamos a caminho de outro modelo, o supermercado, um lugar de consumo, um contêiner anônimo, sem rosto, no qual as mercadorias eram exibidas e movidas sem exigir Arquitetura para serem representadas. (Tradução do autor)

- A obra de Gordon Matta-Clark, como um todo, mas especialmente a intervenção “Conical Intersect” realizada para a Bienal de Paris em 1975, que promoveu uma série de cortes em empenas e pisos como espaço aberto pela interação geométrica com um cone “imaginário” nos dois antigos edifícios adjacentes ao Centro Georges Pompidou (então em obras) como provocação à imaginação espacial da permeabilidade e potencial formal dos interiores dos edifícios, mas também como convite ao debate político a respeito da gentrificação de trechos da cidade e das possibilidades de “anarquitecturas”;

Para muitos, hoje, na cidade de São Paulo hoje, as condições concretas do Habitar colocam-se bastante aquém do existenzminimum, considerando os múltiplos indicadores da condição de pobreza (MPI)¹⁸ que vão além das condições de moradia e contemplam também aspectos de nutrição, taxas de mortalidade infantil, níveis de escolaridade e índices de evasão escolar. A

16 - Friedrich Kiesler, autor do projeto “Endless House” 1950.

17 - <https://www.cristianotoraldodifranca.it/continuous-monument/>

18 - <http://hdr.undp.org/en/2018-MPI>

precariedade das condições de vida na periferia e no centro da cidade de São Paulo recuaram aquém das condições do início da revolução industrial e chegam à desumanização completa, alijando qualquer discussão qualitativa entre a casa e o lar para um campo abstrato de retórica. Essa condição desumana que caracteriza o “homeless” ou o “sem-teto” não é exclusividade dessa população urbana excluída e marginalizada pois compreende também outras populações em trânsito entre cidades: os andarilhos, os refugiados e os migrantes.

Nessa condição de desumanização, para além do limite da inviabilidade do Habitar, reside ainda uma latência poética de enraizamento, permanência e transformação de realidades concretas e intersubjetivas?

Como visto, o anseio e a potência de Habitar não são estados emocionais eventuais, mais ou menos raros, pois são a própria existência humana, parafraseando William Blake (apud Bachelard, 2001, p.1). Sendo assim, ainda que em meio ao inóspito, ao hostil, ao inabitável, abaixo mesmo da linha do mínimo vital, antes que a morte se imponha por meio da apatia e da resignação, o Habitar pode sobreviver como desejo, anseio, esperança de uma transformação radical que reconstrua a dignidade e a liberdade indispensáveis à vida humana.

Qualquer abertura ou movimento que indique uma possibilidade poética de transformação e reorganização do cosmos a partir da interação entre ações construtivas e a “imaginação material” pode promover uma ressignificação da capacidade de construir para habitar na cidade.

A partir daí ressignifica-se o Construir e, conseqüentemente, a Técnica. Ressignifica-se também a Tecnologia, pois toda ação técnica é necessariamente reflexiva e pode promover uma instância teórica sobre a prática que só vem a enriquecê-la.

A ruptura com qualquer condição subumana letárgica demanda um movimento vital de resistência, de confrontação, de enfrentamento por meio de ações transformadoras da materialidade do mundo, o que requer aprender a fazer, reinventar e/ou adquirir saberes sobre fazeres vários, construir, planejar, transformar, reconhecer-se capaz – individual e coletivamente – de empreender passagens poéticas na condição cerceadora e letal do “não-ser” em direção à preservação e qualificação do “ser” humano essencial.

Tal trajeto antropológico tem intensidade e profundidade suficiente para refundar no indivíduo e/ou em um grupo a compreensão do Habitar e a condição essencial da Arquitetura como arte e cultura construtiva-plástico-espacial.

Alimentando esperanças: Joanir

Camisa do Flamengo, no Rio desde os 18 anos, Joanir Braga Medeiros, paulista de Aparecida, hoje com 28, é casado e tem três filhos – de três mulheres diferentes. O mais novo, Jonathan, de um ano e um mês, dorme com ele e a companheira Patrícia, no Largo da Carioca, dentro de

uma carroça de madeira de três metros quadrados – a mesma usada por ele para recolher papelão e fazer carretos. Há alguns dias o filho não resistiu às baixas temperaturas da madrugada e foi internado com pneumonia. “Me sinto culpado”, diz. Com o que ganha mal consegue comprar comida e fralda para a criança. Sobra muito pouco para voltar para casa, por isso dormem os três na rua até sexta-feira. No sábado, vai para Cabuçu, onde vive sua irmã. Joanir já teve carteira assinada – como faxineiro de um supermercado e segurança em uma loja de sapatos. “Meu sonho? Tirar meu filho da rua”, diz, sem pensar, o homem que foi abandonado quando tinha um ano e passou a infância em colégios internos.¹⁹

Aprendendo a conviver: Gerivaldo

Sou de Goiás e fui criado em São Paulo. Já morei no Amazonas também, onde sempre trabalhei com agricultura. Mas as coisas mudaram, ficaram difíceis com a industrialização do campo e, em 2014, voltei pra cá pra dar estudo para os meus dois adolescentes, Leandro e Leonardo. Aqui comecei a trabalhar na construção civil e hoje carrego contêiner para os chineses na [rua] 25 de março. Eu considerava a ocupação como parte da minha família. Até comentei com um pessoal que nunca tinha visto um negócio desses. Gente de raça diferente, de lugar diferente, convivendo e se respeitando. Eu morei em condomínio de classe média em Goiânia e nunca vi isso. Tinha africano, nordestino, gaúcho, paulista, mineiro, boliviano vivendo junto, sempre se ajudando, muito diferente dessa história de facção criminosa que o [ex-prefeito João] Doria andou falando. Inclusive, numa pesquisa recente feita pela prefeitura, o perfil da ocupação foi muito elogiado. Gente que, apesar da baixa renda, consegue fazer alguma coisa, se sustentar. Cheguei em São Paulo pela primeira vez ainda na adolescência e fui morar na favela do Gato. Já passei por duas tragédias parecidas lá, a primeira numa enchente onde perdemos tudo e conseguimos aos poucos recuperar. Dois anos depois, a favela pegou fogo, com um acidente de uma geladeira que pegou fogo no motor. Nessa última, eu já era veterano. Nosso choque maior até agora não é pela perda material, mas pelas pessoas que estão embaixo do concreto, que morreram. Só de amigo meu, mais próximos, são oito e, conhecidos, de bom dia, boa tarde, deve ter umas 40 pessoas desaparecidas.²⁰

Reconhecendo experimentações iconográficas Constelações

Caberia então empreender a construção de vastas constelações de imagens “em torno de imagens de gestos, de esquemas transitivos e igualmente em torno de pontos de condensação simbólica, objetos privilegiados onde se vêm cristalizar os símbolos” (Durand, 2001, p.45) sobre a questão do Habitar contemporâneo.

19 - https://istoe.com.br/22244_NO+MUNDO+DA+RUA/

20 - <https://catracalivre.com.br/cidadania/11-relatos-de-quem-viveu-o-desabamento-do-edificio-wilton-paes/>

Valeria, de início, reconhecer as constelações de imagens do Habitar e do construir a partir da revolução industrial. Para então organizar os conjuntos de imagens de objetos, arquiteturas e espaços urbanos do *existenzminimum* e as imagens polarizadas no sentido oposto de uma crítica como *existenzmaximum*.

Como estas imagens teriam se alterado a partir do advento do digital e das condições contemporâneas de populações de migrantes, desempregados e sem-teto?

Em que medida as ocupações de estruturas arquitetônicas no centro de São Paulo não reinventam e enriquecem tais constelações apresentando alternativas originais que “reanimam” edifícios em processo de decomposição pelo tempo?

A relação histórica entre habitações sociais ou de interesse social e a cidade - em sua condição espacial heterogênea, desigual e contrastante, entre bairros centrais e regiões periféricas - produziu em São Paulo um fenômeno que hoje conjuga:

- a distribuição dos domicílios com menor renda per capita nas subprefeituras mais distantes do centro²¹ enquanto nos bairros mais centrais²² concentram-se os melhores espaços culturais e equipamentos culturais públicos, as maiores taxas de emprego formal, a maior parte dos leitos hospitalares, os melhores índices de expectativa de vida²³ e os melhores IDH²⁴;
- a omissão do Estado em implementar políticas habitacionais capazes de enfrentar a demanda por moradia que, quando tem condições financeiras, se direciona então ao mercado imobiliário que, por sua vez, define livremente preços de aluguéis e venda de imóveis em condições inacessíveis para uma parcela considerável da população;
- A projeção de cerca de “3,26 milhões de pessoas, de um total de 11,87 milhões, vivendo em locais precários, como favelas e loteamentos irregulares, em 2020 segundo estudo do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) feito em conjunto com a Secretaria da Habitação de São Paulo”²⁵, ou seja, praticamente 1/3 da população;

21 - <http://www9.prefeitura.sp.gov.br/simdh/2004/renda.html>

22 - Um tema de interesse central para a compreensão desse fenômeno urbano no Brasil é objeto de estudo do pós-doutorado na TU-Delft, de Maria Fernanda Derntl, docente da FAU-UNB, divulgado em síntese no artigo “Além do Plano: A construção das cidades-satélites e a dinâmica centro-periferia em Brasília”, originalmente apresentado no XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – SHCU/IAU USP, 2016 e depois publicado no Arqtextos, Vitruvius: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/19.221/7150>

23 - https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/mapa_desigualdade_2018_apresentacao.pdf

24 - http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/170828_livro_territorios_numeros_insusmos_politicas_publicas_2_cap06.pdf

25 - <https://www.valor.com.br/brasil/5498631/quase-30-da-populacao-paulistana-vive-em-locais-precarios>

- a existência de mais de 1.200 imóveis ociosos na cidade²⁶ que poderiam, mediante a aplicação efetiva do instrumento legal de IPTU progressivo e desapropriação, passar pelas devidas adequações, e virem a ser habitáveis. Vários desses imóveis são edifícios com estruturas independentes de concreto, com plantas livres e, eventualmente, fachadas livres, que oferecem inúmeras possibilidades de arranjo e ocupação do espaço interno;
- a referência de que em 4 anos, em cenários político-econômicos e sociais como os que se delinearão nas eleições de 2018, a população sobrevivendo nas ruas da cidade pode duplicar chegando a números entre 50 e 60 mil pessoas em 2022²⁷.

Hoje existem mais de 200 ocupações na cidade de São Paulo onde vivem mais de 45 mil famílias, conforme dados do Grupo de Mediação de Conflito, da Secretaria Municipal da Habitação²⁸. Um quarto dessas ocupações está no centro de São Paulo.

Tais ações de ocupação erótico-poéticas transformaram estruturas arquitetônicas ociosas que se contrapunham ostensivamente à necessidade de habitar - como espaços de ausência, de abandono, de alienação, desertificação, silêncio, medo, sombra, dentre outras inúmeras variações simbólicas das dinâmicas de queda (Durand, 2001) - em lugares habitados - em "penetráveis" como diria Hélio Oiticica - reanimados em sua condição arquitetônica fundamental propiciadora da instauração de novos ciclos de vida.

Este ensaio apenas reaproximou-se criticamente de uma certa fenomenologia do Habitar desenvolvida desde a "imaginação material" bachelardiana para então repensar a alienação do Habitar do âmbito da habitação e as lacunas iconográficas que podem enriquecer as abordagens do tema que se valham de teorias do imaginário.

O tema é complexo, multifacetado e demanda estudos muito mais aprofundados do que esta abordagem indicial e provocativa. Inúmeros esforços têm sido feitos por pesquisadores das áreas de Arquitetura e Urbanismo, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia, História e Geografia, com o intuito de construir conhecimento científico sobre as ocupações recentes no centro de São Paulo e suas interações com fenômenos vários, da cultura à política, da subjetividade à ética, da técnica à economia. Contudo, além dos textos, a produção e a divulgação de imagens fotográficas têm contribuído muito para o aprofundamento da compreensão do tema no Brasil e no exterior.

26 - <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sp-tem-deficit-de-358-mil-moradias-e-1385-imoveis-ociosos.ghtml>

27 - "Na capital paulista, (em meados de 2017) havia entre 20 mil a 25 mil moradores de rua e 3% são crianças (600 a 750) <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/07/cresce-o-numero-de-moradores-de-rua-em-sao-paulo-e-no-rio-de-janeiro.html>". Enquanto a população de São Paulo cresce, em média, 0,7% ao ano, o número de moradores de rua aumenta 4,1%." Segundo dados da FIPE e da Prefeitura de São Paulo, em 2015 o Censo da População em situação de rua da cidade era de 15.905 pessoas. Logo, a variação desta população em dois anos foi no mínimo de 25,7% e no máximo de 57%. O que permite questionar o percentual de crescimento anual desta população (estimado em 4,1%) e problematizá-lo com os números apresentados como uma projeção para 2022.

28 - <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidade-de-sao-paulo-tem-206-ocupacoes-onde-moram-45-mil-familias.ghtml>

Dentre várias iniciativas fotográficas significativas produzidas nos últimos anos - como a produção do fotógrafo Anderson Barbosa²⁹ - para concluir, cabe aqui apresentar algumas imagens fotográficas produzidas pelo coletivo Gringo, formado pelos fotógrafos Gui Christ e Gabi di Bella, no ensaio "Marrocos"³⁰ que recebeu o Prêmio DOC Fotolivro em março de 2017 e que com a natureza própria das imagens vêm colocar em movimento as considerações aqui expostas e estimular futuros desdobramentos dessas reflexões.

Agradecimentos

Ao fotógrafo Gui Christ que gentilmente cedeu imagens do ensaio "Marrocos" para a projeção na apresentação desse artigo no ICHT2019.

Referências

BACHELARD, Gaston. *La Poétique de L'Espace*. Paris: Les Presses universitaires de France, 3e édition, 1961, 215 pp. Première édition, 1957. Collection: Bibliothèque de philosophie contemporaine.

_____. *O Ar e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARTHES, Roland. *The Eiffel Tower and other mythologies*. Berkeley: University of California Press, 1979.

BESSE, Jean-Marc. *Habiter, un monde à mon image*. Paris: Flammarion, 2013.

CARDOZO, Joaquim. Sobre os problemas do ser e do estruturalismo arquitetônico. *Revista Caramelo*. São Paulo: FAUUSP, 1997.

CASABÁN, Consuelo Císcar. En Construcción. In: FLÓREZ, Fernando Castro Flórez. *Construir, Habitar, Pensar - Perspectivas del arte y la arquitectura contemporánea*. Valencia: IVAM Institut Valencià d'Art Modern, 2008.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CONSTANT. *The Decomposition of the Artist: Five Texts by Constant*. NY: The Drawing Center, 1999.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENGELS, Friedrich. *La question du Logement*. Paris: Les Éditions sociales, 1969.

ESCOBAR, Arturo. *Autonomía y diseño: La realización de lo comunal*. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

FOLZ, Rosana Rita. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo: Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 95-112, dez. 2005. <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=1465>

FRY, Tony. *City futures in the age of a changing climate*. Londres: Routledge, 2015.

GAFFIOT, Félix Gaffiot. *Dictionnaire latin français*. Paris: Hachette, 1934.

HAUDRICOURT, André-Georges. La technologie, science humaine. In: *La technologie science humaine. Recherches d'histoire et d'ethnologie des techniques*. Paris: MSH, 1987, extraído de La Pensée, nº115, 1964, pp. 28-35

29 - <https://apublica.org/2018/05/17-anos-fotografando-ocupacoes-em-sao-paulo/>

30 - <http://docfoto.com.br/site/serie/marrocos/>

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback a partir de [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em: <http://www.prouarb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso: 30 jan. 2016.

JORN, Asger. *Pour la Forme – Ébauche d'une méthodologie des arts*. Paris : Editions Allia, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris : Plon, 1962.

MAUSS, Marcel. Les techniques du corps. *Journal de psychologie*, 32, 3-4; 271-293, 1935 reeditado em *Sociologie et anthropologie*: 365-386. Paris: PUF, 1950.

MELO NETO, João Cabral de. *A Educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfabeta, Editora Objetiva, 2008

PAREYSON, Luigi. *Teoria da Formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Du principe de l'art et de sa destination sociale*. Paris: Garnier frères, 1865.

VANEIGEM, Raoul. Commentaires contre l'urbanisme. In: *Internationale situationniste - Bulletin central* édité par les sections de l'Internationale situationniste. Numéro 6. Août 1961. Paris: 1961.

WRIGLEY AND SCHOFIELD. *The Population History of England, 1541-1871. A reconstruction*. Harvard University Press, 1981, Table 7.8, pgs. 208-9.